

## Minha "Bisa"

Rozelene Furtado de Lima  
Teresópolis / RJ

Baseada na história contada pela vovó, busquei resgatar uma imagem gravada na mente desde a primeira vez que ouvi a narração emocionante do vestido de noiva da minha bisavó

Filisbita era o nome da bisa. Na comunidade onde ela morava, as mulheres tinham reuniões toda semana. As meninas a partir dos três anos já começavam a participar dessas reuniões. Era ensinado tudo que uma mulher precisava saber no universo feminino da tribo. Três das senhoras mais idosas ministravam as aulas.

A mulher era preparada para ser uma verdadeira doadora - servir ao marido, aos filhos e à comunidade. Aprendiam tudo, inclusive sobre sexo. Eram treinadas a superar o próprio limite em todas as atividades. As idosas eram grandes sábias. Os homens tinham saído para caçar, os anciãos estavam em reunião, todas as mulheres trabalhavam para uma festa que aconteceria ao anoitecer e Bita estava cuidando das crianças da tribo. Ela ouviu um chamado do lado de fora, saiu para ver e nunca mais ninguém soube da linda jovem. Desapareceu para sempre carregada em um cavalo. Mais adiante foi jogada dentro de uma carroça, depois amarrada, ensacada e atirada no porão do navio junto com sacos e caixas de mercadorias. Foi descoberta por uma mulher que tentava acalmar um bebê que chorava. Dêba sentou-se num cantinho escondida para amamentar a criança e viu o saco se mexendo, tocou e percebeu tratar-se de uma pessoa. Rasgou o saco, libertou Bita que estava amarrada e com a boca cheia de pano para não gritar. A mulher ficou admirada com a beleza da moça. Uma cumplicidade desabrochou entre as duas. Mantiveram-se escondidas até o final da viagem. O bebê morreu por causa de uma febre alta.

O navio aportou em águas brasileiras depois de quarenta dias de viagem. A última parte a ser descarregada foi o porão. À noite, com muito medo e cuidado, Dêba e Bita, conseguiram fugir. Correram muito. Sem forças, fracas e desnutridas, deitaram numa praia longe do porto. Pela manhã foram descobertas por um homem armado, que levou-as para casa, prendeu-as num quartinho escuro onde foram bem alimentadas durante uma semana. Depois mandou que tomassem banho e passassem um óleo no corpo e nos dentes.

Foram conduzidas ao mercado de escravos. Vovó chorava explicando como era o mercado. Bita foi imediatamente comprada.

Chegando à fazenda do seu dono e patrão, foi levada até um quarto onde uma senhora doente gemia de dor. O trabalho de Bita era cuidar da senhora. Durante seis meses passou confinada no quarto. Só saía para ir a cozinha comer e dormia no chão ao lado da cama da moribunda. Fez amizades com a cozinheira. Bita aplicou todos os conhecimentos trazidos da tribo. A mulher ficou curada.

Certo dia, o patrão, olhou demoradamente para a escrava. A patroa percebeu e, no dia seguinte pela manhã, numa crise de ciúmes, chamou o capataz e mandou que aplicasse vinte palmatórias em cada mão da minha bisa, e mandou que ela fosse para senzala e trabalhar na lavoura. A cozinheira protegeu-a de todas as maneiras possíveis.

Conforme costumes da tribo da bisa dois pontos traçavam o destino da mulher: - castidade até o casamento e a confecção da vestimenta usada no ritual da união. Desde pequenas as meninas eram orientadas para esse evento. O vestido de núpcias tinha que ser desenhado pela noiva. E cada uma preparava com muito cuidado o modelo, o tipo de tecido, a cor, os bordados e outros detalhes. O vestido era feito e guardado em segredo. A jovem era julgada pela apresentação do traje nupcial que deveria revelar inteligência, criatividade, zelo pela família, respeito à tribo, dedicação, amor pelo companheiro e muita paciência.

Em meio a todas as dificuldades, o sofrimento, a tristeza, a separação dos familiares, o trabalho escravo, Bita foi trocando pelo caminho seus sonhos por uma enorme saudade. Mas mantinha o grande desejo de se casar.

Um escravo encantou-se por ela. Ele apoiava Bita nas dificuldades do trabalho e dava-lhe coragem para continuar. Entre eles foi crescendo um sentimento puro trazendo esperanças e confiança no futuro. O amor invadiu os dois corações. Combinaram fazer um ritual de união e marcaram a data. Chegou o grande dia! Uma negra com dezessete anos, esbelta, com um metro e oitenta de altura e um corpo escultural, apareceu surpreendentemente linda, vestida, como fazia parte da cultura da bisa. Os olhos da vovó brilhavam, a voz embargava, segurava as lágrimas, ficava de pé e descrevia para nós o mais belo vestido de noiva. Ela dizia: - Mamãe amava as flores e principalmente as orquídeas. Quinze dias antes do casamento, todos os dias no final da tarde, ela ia à mata colher as orquídeas aveludadas de cor vinho. Colocava arrumando as pétalas cuidadosamente embaixo da palha onde dormia. Uma camada de palha e uma camada de flores e deitava sem se mexer. Preparou cuidadosamente uma cola com plantas. À luz de lamparina foi confeccionando o deslumbrante vestido bordado pela natureza. Vovó parava a narração para engolir o choro. - Um véu enorme todo feito de pétalas brancas salpicado de flores vermelhas preso numa grinalda de orquídeas brancas completava a beleza da roupa. Ninguém viu e nem vai ver noiva mais bela - dizia vovó.

No mês seguinte ao casamento da minha bisa, a patroa dela veio a falecer. O patrão mandou buscar Bita para morar no casarão e vendeu o grande amor dela no mercado de escravos.

Ela teve quatro filhos com o patrão. Veio a guerra e os italianos tiveram que ir defender a pátria, o meu bisavô levou com ele os dois meninos.

A minha bisa foi novamente vendida junto com a filha mais velha - e vovó batia no peito "eu". E ela encerrava a história: - Mamãe foi vendida outra vez e eu nunca mais a vi.

Apontando para um desenho grande feito por ela, pregado na parede:

- Aquela noiva é a bisa de vocês.